



"MALA PRONTA: LIVRO LIVRE" - UM PROJETO DE LEITURA QUE REÚNE LIVROS E VÍDEOS, LITERATURA E INTERNET.

"BAG READY: FREE BOOK" – A READING PROJECT THAT GATHERS BOOKS AND VIDEOS, LITERATURE AND INTERNET.

Caroline Valada Becker¹ (CAp-UFRGS)
William Molina² (CAp-UFRGS)
Thais Boarman³ (BIC CAp-UFRGS)

RESUMO

Na Educação Básica, uma inquietação persiste: afinal, como incentivar a leitura literária? Tal questionamento, para professoras e professores, implica outras dúvidas – qual livro selecionar? Quais atividades promover? Como garantir que alunas e alunos efetivamente leiam? Diante dessas dúvidas, um grupo de professores do Colégio de Aplicação da UFRGS propôs um projeto de leitura chamado “Mala Pronta: Livro Livre”, o qual não pertence ao componente curricular Língua Portuguesa, mas sim ao ano escolar, sétimo ano; trata-se, portanto, de um projeto que reconhece a leitura como compromisso de todas as áreas. Neste trabalho, explicaremos pressupostos teóricos e metodologia do projeto. Primeiramente, assumimos a literatura enquanto viagem (ler para deslocar-se, para conhecer outros lugares e outras pessoas), por isso, o objeto mala acompanha os livros; em segundo lugar, destacamos a importância do registro escrito, propusemos a composição de um diário de leitura, resgatando, dessa forma, práticas de escrita muitas vezes esquecidas na contemporaneidade; consideramos imprescindível a socialização da leitura (um dos paradigmas do letramento literário), por isso incluímos no projeto o gênero discursivo “resenha-virtual”, isto é, a construção de *booktubers*; por fim, destacamos a composição de um acervo coletivo e democrático, uma vez que alunos e professores doaram livros para a “mala”. Quanto à metodologia, uma vez por mês, os alunos visitam o acervo (momento especial, compondo um verdadeiro ritual) para selecionar um livro; um mês depois, devolvem livro e diário de leitura e entregam sua produção *booktuber* (vídeo), a qual é assistida em seções especiais, acompanhadas de atividades.

Palavras-chave: Leitura literária. Formação de leitores. Letramento literário.

ABSTRACT

In Basic Education, one concern is always present: do we encourage literary reading? Such question, for teachers in general, implies on other doubts – which book to choose and why? Which activities to promote? How one makes sure that students effectively read? Before this scenario, a group of teacher from Laboratory School of UFRGS proposed a reading project called “Bag ready: free book”. Such proposal does not belong to the

¹ Caroline Valada Becker é graduada, mestra e doutora em Letras; atua como professora de Língua Portuguesa e Literatura no Colégio de Aplicação da UFRGS, instituição na qual desenvolve a pesquisa “O livro é um convite: projetos de leitura e formação de leitores na Educação Básica”. Contato: carol.valada@gmail.com.

² William Fernandes Molina é licenciado em Teatro, mestre e doutorando em Artes Cênicas; atua como professor de Teatro no Colégio de Aplicação da UFRGS. Suas pesquisas abordam a mediação teatral e a formação de espectadores. Contato: wfmolina87@gmail.com.

³ Graduanda em Letras na UFRGS; bolsista de Iniciação Científica no Colégio de Aplicação da UFRGS; professora de literatura no Projeto Educacional Alternativa Cidadã, na UFRGS. Contato: thaisboardman@gmail.com.



Portuguese Language teaching curriculum, but to the school year, the seventh year; therefore, it is a project developed by the group of teachers, showing that reading is a commitment of all areas. In this study, we will explain the theoretical framework and methodology of this project. Let us introduce the pillars of this reading project: the image of literature as travel (to read to move, to know other places and other people), therefore, a bag literally accompanies the books; the importance of written register, which made us create a reading journal, rescuing writing practices often forgotten by new generations; the necessary reading socialization (one of the paradigms of literary literacy), which materializes itself in the discursive genre “virtual review”, i.e., booktubers’ text production; the composition of a collective and democratic estate, once students and teachers have donated the books to the “bag”. In regards to methodology, once a month the students visit the estate (we prepared an environment and created a special moment, compounding a true ritual) to select a book; one month later, they return the book and the reading journal and hand in their booktuber production (video). We provided, lastly, a section to watch the videos.

Keywords: Literature reading. Reader formation. Literary literacy.

1 INTRODUÇÃO

No livro *Literatura pra quê?* (originalmente uma conferência ministrada em 2006, na França), Antoine Compagnon tece reflexões sobre possíveis definições de literatura – debruça-se sobre a historicidade– e sobre a presença dos livros literários na França. No cerne de suas proposições, percebemos uma perspectiva politizada do fazer literário, a qual vem sintetizada no questionamento “O que a literatura pode fazer?”, equivalente à pergunta “literatura pra quê?”. Ainda que em outro contexto social e em outra época (mais de uma década depois), podemos nos apropriar de suas inquietações para refletirmos acerca do ensino de literatura no Brasil: “[...] quais valores a literatura pode **criar** e **transmitir** ao mundo atual? Que lugar deve ser o seu no espaço público? Ela é **útil** para a vida? **Por que defender a sua presença na escola?**” (COMPAGNON, 2009, p. 20, grifos nossos).

A palavra “escola” apresenta um dos muitos cenários em que a literatura atua: a Educação Básica. No âmbito escolar, o ato de questionar, a busca por amparo teórico e a definição de princípios teóricos e pedagógicos para delinear trajetórias é inerente – ou, acreditamos, deveria ser – à atuação docente. Neste artigo, apresentamos como protagonista de tais reflexões a leitura literária, a qual, para nós, é compromisso da escola enquanto instituição, por isso, transcende o componente curricular Língua Portuguesa e Literatura e extrapola o espaço formal da sala de aula. Para o grupo de professores que aqui apresenta uma de suas práticas pedagógicas – professores do Colégio de Aplicação da UFRGS –, a leitura literária assume protagonismo no cotidiano escolar porque, assim como outras expressões artísticas, humaniza, uma vez que incita a alteridade ou, nas palavras de Antonio Candido,



provoca “o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor” (CANDIDO, 2011, p. 182).

Assumindo a literatura como “elemento transformador da realidade” (RÖSING, 2012, p. 94) e como potencializador da “construção ou reconstrução de si mesmo” (PETIT, 2009, p. 105), no Colégio de Aplicação da UFRGS, no sétimo ano do Ensino Fundamental⁴, nós, professores, idealizamos e executamos um projeto de leitura literária chamado “Mala Pronta: Livro Livre”, o qual reúne livros e vídeos e proporciona, devido a seus pressupostos teóricos e a suas atividades, práticas leitoras cuja principal característica é a socialização e o compartilhamento, compondo, assim, uma comunidade de leitores.

2 DESENVOLVIMENTO

Para a construção do projeto pedagógico “Mala Pronta: Livro Livre”, partimos de um objetivo: queríamos a leitura literária como prática constante no sétimo ano. Afinal, acreditamos em uma “educação literária” (Cf. COLOMER, 2007), isto é, em uma instituição escola que apresenta aos estudantes e às estudantes a leitura literária como ponto de partida para debates permanentes sobre a cultura; uma escola que assume a leitura literária (e a arte) como experiência a partir da qual incontáveis desdobramentos são possíveis – estes dependem, é claro, das filiações teóricas dos docentes, por isso, é preciso “despertar em nós, professores de literatura, alguns pressupostos teóricos para mediação do saber literário” (COENGA, 2010, p. 76).

Começaremos, portanto, apresentando posturas teóricas que subsidiam nossa prática; em seguida, explicaremos os paradigmas estruturantes do projeto “Mala Pronta”.

⁴ Em 2018, atendemos duas turmas de sétimo ano, compondo um grupo de 58 alunos.

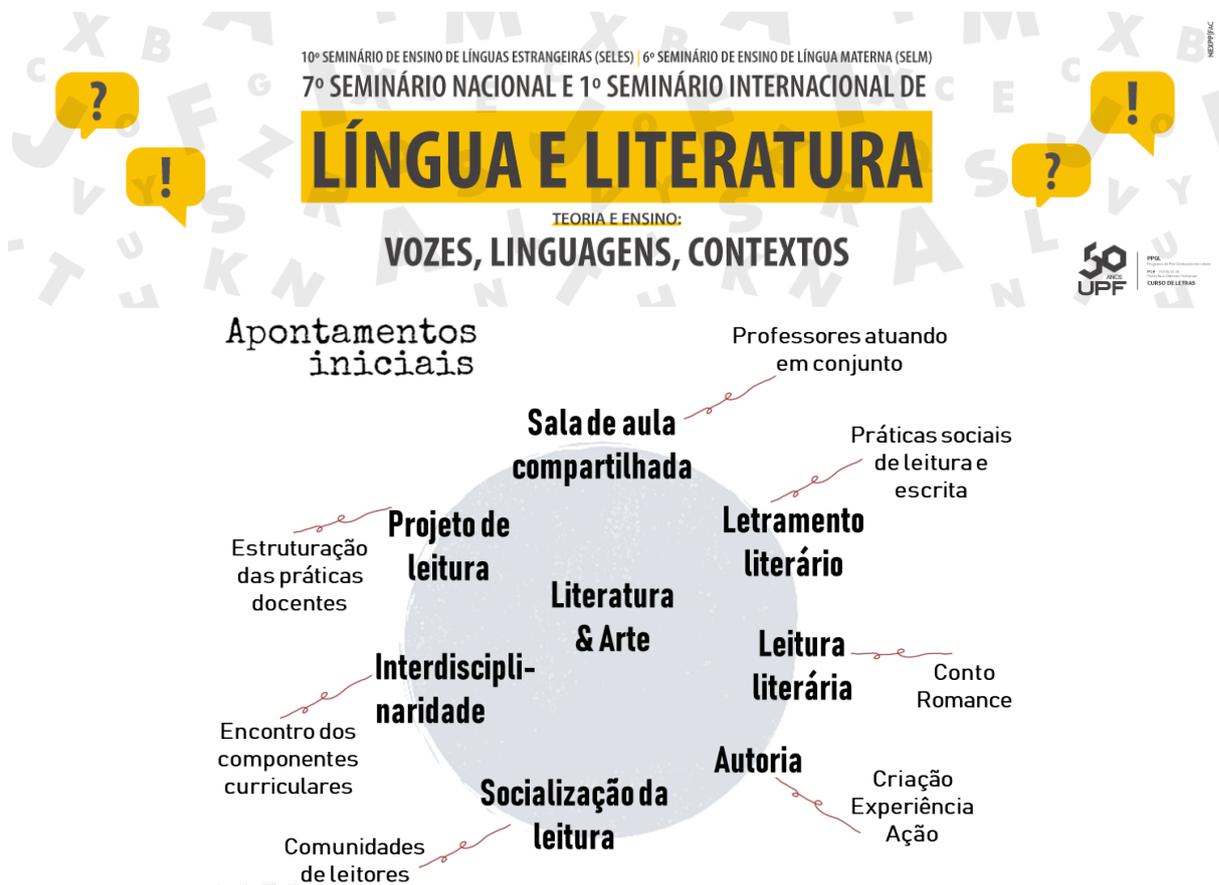


Imagem 1: sistematização dos pressupostos teóricos que subsidiam nossa prática docente.

Como vemos na imagem acima, quando temos no centro de nossa prática docente a literatura, alguns princípios tornam-se norteadores. Primeiramente, o contato com o objeto livro e o estímulo à leitura integral (experiência) ao invés da leitura de trechos ou de antologias; acreditamos em práticas docentes compartilhadas, traduzidas em salas de aula nas quais docentes atuam em conjunto, de forma interdisciplinar; para promover o letramento literário (em outras palavras, para promover a leitura literária enquanto prática social que efetivamente implique as ações de ler e de escrever⁵), usamos como elemento estruturante (espécie de metodologia) a construção de projetos de leitura cujo desdobramento final é a composição de comunidades de leitores.

Segundo Teresa Colomer, “O trabalho por projetos torna possível que as atividades de leitura na escola superem uma boa parte das divisões artificiais, que se dão tradicionalmente nela e facilita que a leitura obtenha sentido de atividade habitual e necessária em uma sociedade alfabetizada” (COLOMER, 2007, p. 120). Uma vez que “Mala Pronta: Livro Livre” é um projeto do ano escolar e não de um componente curricular, as divisões artificiais estão

⁵ O conceito de letramento foi sistematizado divulgado por Magda Soares; segundo a pesquisadora, a alfabetização e o letramento são processos distintos que solicitam práticas docentes distintas; alfabetizar significa adquirir a “tecnologia” do ler e do escrever, enquanto letrar significa inserir o sujeito em práticas sociais de leitura e de escrita – “Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e a escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 2017, p. 18).



anuladas; além disso, objetivamos, por meio do projeto, transformar a leitura literária em uma atividade habitual; mais do que isso, desejamos criar um ambiente – a sala de aula e os corredores da escola – habitado por livros (não livros didáticos, mas sim livros de literatura).

Essa imagem (para nós, comovente e alegórica) é apresentada no livro *Andar entre livros: a leitura literária na escola*; nele, Colomer ressalta uma certeza acerca das gerações que hoje frequentam a escola: de modo geral, não mais a leitura é uma prática que define suas identidades (Cf. 2007, p. 42); além disso, “frequentemente, não há adultos formando esse entrelaçamento socioafetivo em casa nem no entorno social” (2007, p. 106). Diante desse cenário, a autora sugere que “andar entre livros é a condição essencial da educação literária das novas gerações” (2007, p. 197), e nós, professores e professoras do CAp UFRGS, assumimos tal premissa que, na verdade, figura como desafio.

2.1 “MALA PRONTA: LIVRO LIVRE” – A ORGANIZAÇÃO DO PROJETO

Este projeto de leitura apresenta quatro eixos estruturantes, os quais representam quatro momentos experienciados pelos estudantes; cada um desses momentos foi traduzido para um símbolo, um ícone visual usado no material de divulgação e de organização dos trabalhos.



Imagem 2: material de divulgação do projeto “Mala Pronta: Livro Livre”.

Em síntese, “Mala Pronta: Livro Livre” é um projeto que permite aos alunos e às alunas escolher um livro, lê-lo e devolvê-lo. Entretanto, tentamos transformar essa prática (uma vez por mês, escolha autônoma do livro, leitura e devolução) em um processo

LÍNGUA E LITERATURA

TEORIA E ENSINO:

VOZES, LINGUAGENS, CONTEXTOS

diferenciado, uma vez que se ancora nestes princípios: encantamento (situações que promovem “rituais”); práticas contemporâneas de comunicação (youtube, booktubers); construção de comunidades leitoras.

O primeiro eixo estruturante do projeto é o objeto “mala”. De modo nada inovador ou autoral, a mala evoca a ideia da literatura enquanto viagem, ou seja, o ato de ler ficção para nos deslocarmos, irmos a lugares e conhecermos outras pessoas. Por meio dessa imagem (ainda que lugar comum, muito potente), enfatizamos a literatura enquanto provocadora da alteridade – a qual, como vimos, incita a humanização. Por isso, literalmente uma mala acompanha os livros no momento em que os alunos são convidados a escolher seu objeto livro, ou seja, a leitura que realizarão. O ato de ler está representado na segunda imagem do material gráfico, onde vemos a ilustração de um livro.



Imagens 3 e 4: organização do acervo para a escolha e retirada dos livros.

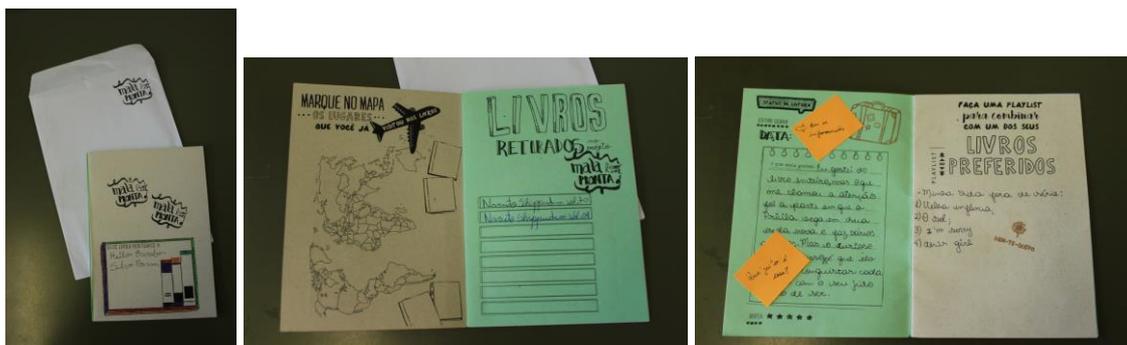
O terceiro eixo estruturante vem representado pela ilustração de um bloco de anotações e sugere a necessidade de elaborarmos registros após lermos. Pensando nisso, nós, professores, idealizamos um diário de leitura; cada aluno recebeu o seu e deveria, a cada leitura, tecer um comentário (livre), exercitando a argumentação, pois o texto (sem um gênero discursivo definido) solicita o uso da tipologia argumentativa para explicar o que mais gostou no livro. Os motivos pelos quais optamos por compor um diário foram a necessidade de sistematizarmos a experiência do ato de ler, bem como a tentativa de resgatar práticas de escrita muitas vezes esquecidas pelas novas gerações. Não casualmente, usamos a nomenclatura “diário”; nosso objetivo era despertar a subjetividade, induzir o aluno e a aluna

LÍNGUA E LITERATURA

TEORIA E ENSINO:

VOZES, LINGUAGENS, CONTEXTOS50
ANOS
UPFPPG
LÍNGUA PORTUGUESA
E LINGUÍSTICA
CURSO DE LETRAS

a refletirem, sozinhos, sobre sua prática leitora; o diário não é um suporte textual (uma prática discursiva) que compartilhamos; seu destino é a individualidade.



Imagens 5, 6 e 7: diários de leitura; na imagem 6, vemos o espaço para escrever o título do livro retirado e um mapa para marcar os lugares “visitados”; na imagem 7, vemos o espaço para registro “O que eu mais gostei foi” (já com observações dos professores).

Por um lado, exercitamos uma prática subjetiva e até mesmo intimista de escrita; por outro lado, provocamos a socialização da leitura por meio da elaboração de outro gênero discursivo, representativo da contemporaneidade: a resenha-virtual⁶. Ao assumirmos a orientação teórica do letramento literário, reconhecemos a leitura como um processo social a ser compartilhado, portanto, “uma das principais funções da escola [é] constituir-se como um espaço onde aprendemos a partilhar, a compartilhar, a processar a leitura” (COSSON, 2014, p. 36). Pensando, então, em promover a socialização das experiências de leitura (um dos paradigmas do letramento literário), convidamos os estudantes e as estudantes a exercitarem a identidade de *booktubers* – o ícone que representa esse eixo estruturante é a ilustração de uma câmera.

2.2 ALGUMAS ESPECIFICIDADES DO PROJETO

Uma vez apresentada a estrutura básica do projeto de leitura “Mala Pronta: Livro Livre”, vamos a algumas observações sobre o processo. Queremos assinalar que optamos por não usar o acervo da biblioteca da escola e justificamos: elaboramos um projeto que pretende

⁶ Vale ressaltar, neste momento, os processos interdisciplinares do projeto: uma vez que as ações do “Mala Pronta” aconteceriam para o sétimo ano, a professora titular de língua portuguesa e literatura incluiu no seu planejamento o estudo do gênero textual resenha (leitura, análise e produção), bem como reflexões acerca das distíntos entre uma resenha escrita e uma resenha-virtual (*booktuber*).



ser justamente uma ponte entre alunos e biblioteca. Desejamos demonstrar aos alunos (especialmente aos não leitores) que a biblioteca é o espaço onde a “mala” do projeto “Mala Pronta” vive. Certamente, muitos dos alunos frequentam a biblioteca, enquanto outras raras vezes retiram um livro literário⁷; por isso, a ideia da ponte.

Foi preciso, pois, construir um acervo para o projeto: alunos, alunas e professores doaram livros e, assim, construímos um acervo coletivo e democrático⁸. Consideramos tal caminho pertinente porque transforma os estudantes e as estudantes em construtores do projeto; além disso, mesclamos indicações de alunos já leitores (aqueles com hábitos consolidados, que compram livros e compõem bibliotecas pessoais) com as indicações dos professores, auxiliando a harmonizar um tópico essencialmente complexo e polêmico – quais livros selecionar... ou, como diz Colomer, “como selecionar um *corpus* atraente?” (2007, p. 103).

O segundo comentário refere-se à mediação proposta pelo projeto. Diferentemente de leituras orientadas e inseridas em um planejamento trimestral das aulas regulares – leituras literárias coletivas, realizadas pela turma inteira –, no “Mala Pronta” não há acompanhamento durante a leitura, pois ela acontece em casa. Professores participam apenas da retirada e da devolução dos livros, bem como do momento de recepção dos vídeos (*booktubers*), pois oportunizamos seções para assistirmos à produção dos alunos.

O terceiro comentário refere-se à ideia de “encantamento” e de “ritual”: queríamos recuperar uma relação afetiva com o ato de ler, por isso, nos preocupamos em compor uma narrativa para o projeto “Mala Pronta”, construímos um vídeo que conta a história do objeto “mala”, como em uma narrativa mítica, potencialmente mágica para explicar a vida. Outra ação que tentou proporcionar encantamento foi a elaboração do cenário para a retirada dos livros; na primeira ocasião, levamos o acervo para a sala de aula; contudo, nas outras três retiradas (foram apenas quatro no ano, pois o projeto começou no segundo semestre), percebemos a importância de sairmos do espaço fechado: ocupamos, então, os corredores e brincamos com a imagem do ato de “andar entre livros”, criando caminhos pelos quais os alunos passavam, cercados de livros, incluindo, até mesmo, pegadas pelo chão. Todas essas

⁷ O consumo de literatura será investigado por meio de questionários adaptados do projeto “Retratos da Leitura no Brasil” e farão parte das ações do projeto de pesquisa desenvolvido pela professora Caroline Valada Becker e pela bolsista de Iniciação Científica Thais Boarman.

⁸ Nosso acervo é composto por 132 livros (dois títulos se repetem).



ações – previamente idealizadas, vividas e, então, avaliadas e repensadas – pretendiam incitar o afeto dos alunos pelo projeto e, conseqüentemente, pelos livros e pela leitura literária. Vejamos a análise de Sérgio Antônio da Silva Leite, em artigo publicado no livro *Retratos da Leitura no Brasil 3*:

[...] deve-se lembrar que grande parte dos objetos culturais é apresentada aos sujeitos através de **agentes mediadores**, que podem ser pessoas físicas, como mãe, pai, professores, parentes, etc. As pessoas têm mostrado que o tipo de **relação afetiva** que se estabelece entre o sujeito-objeto – **envolvendo movimentos de aproximação ou de afastamento** – **vai depender da história de mediação vivenciada pelo sujeito em relação ao objeto**. Essa história é individual, mas socialmente construída, através de **relações concretas, observáveis, vividas entre pessoas de carne e osso, com efeitos afetivos**, às vezes imediatos e intensos, podendo gerar relações de amor ou de ódio entre sujeito e objeto, como produtos finais.

A leitura é uma prática social que pode ser perfeitamente analisada sob este prisma teórico [...]. (LEITE, 2012, p. 76, grifos nossos)

Os professores são mediadores e podem, pois, implementar práticas capazes de suscitar a relação afetiva dos alunos com a leitura literária; trata-se de um desafio, essencialmente devido ao contexto social e histórico que vivemos. Contudo, acreditamos ser possível – daí o projeto aqui apresentado. Conforme Kastrup,

No caso de haver um professor, ele atrai para a matéria, e não para um saber pronto. Ele é alguém que exerce a função de conduzir o processo, a expedição a um mundo desconhecido, de fazer acontecer o contato, de possibilitar a intimidade, de acompanhar, e mesmo de arrastar consigo, de puxar. Não para junto de si, mas para junto da matéria, para o devir da matéria, seguindo, acompanhando sua fluidez (KASTRUP, 2000, p.16).

Além de elaborarmos a narrativa da “mala”, nós, professores, assumimos a identidade de *youtubers* e gravamos um vídeo para apresentar o projeto aos alunos. Imaginamos que, dessa forma, aproximaríamos os estudantes da proposta, já que nós também estávamos nos expondo e “entrando na brincadeira”.

10º SEMINÁRIO DE ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS (SELES) | 6º SEMINÁRIO DE ENSINO DE LÍNGUA MATERNA (SELM)
7º SEMINÁRIO NACIONAL E 1º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE

LÍNGUA E LITERATURA

TEORIA E ENSINO:
VOZES, LINGUAGENS, CONTEXTOS

50 ANOS
UPF
PPG
CURSO DE LETRAS



Imagens 8 e 9: na imagem 8, o vídeo que narra a história do objeto “Mala”; na imagem 9, o vídeo à moda *youtuber* que apresenta o projeto “Mala Pronta: Livro Livre” aos alunos.
Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=6C-kCcHV6Jw>>

A tentativa de encantamento e ritual está, portanto, no cerne do projeto e se faz presente desde o momento em que anunciamos aos alunos e às alunas o que faríamos no “Mala Pronta: Livro Livre”. No dia do lançamento, assistimos aos dois vídeos, entregamos os diários e apresentamos um tutorial para a elaboração das resenhas-virtuais.



Imagens 10, 11 e 12: lançamento do projeto “Mala Pronta: Livro Livre”.

O apreço na apresentação detalhada do projeto e de suas etapas para os alunos pode auxiliar na constatação feita por eles de que os professores estão igualmente integrados ao processo⁹. Do mesmo modo, a diversidade nas materialidades oferecidas para a participação no projeto (leitura, registro escrito, registro em vídeo) foi o meio pelo qual pensamos poder conquistar os estudantes, pois de algum modo seus interesses seriam captados. A fim de

⁹ Além de realizar produzirmos os vídeos de lançamento do projeto, convidamos professores que fizeram as resenhas virtuais de livros que estavam lendo no momento com o objetivo de mostrar aos jovens que professores e alunos estariam engajados no projeto, uma forma de incentivo e reconhecimento.



auxiliar na compreensão de cada uma das etapas do processo, elaboramos um tutorial explicitando as diferentes formas para a produção dos vídeos (*booktubers*).

A presença de diferentes etapas, a passagem por cada uma delas e a realização das atividades propostas está relacionada à promoção do hábito de leitura nos alunos e alunas. Entendemos o hábito como condição da experiência e da subjetividade dos sujeitos que estão abertos à experiência. Segundo Larrosa (2002, p.19), o sujeito da experiência é aquele que se define por “uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial (LARROSA, 2002, p.19). No projeto “Mala Pronta: Livro Livre” o desafio que colocamos aos estudantes é o de aprender/desenvolver um hábito. Conforme Kastrup (2000, p.10), “aprender não é somente ter hábitos, mas habitar um território. Habitar um território é um processo que envolve o ‘perder tempo’ que implica errância e também assiduidade, resultando numa experiência direta e íntima com a matéria”.

2.3 DESDOBRAMENTOS DO PROJETO

Uma vez que o “Mala Pronta: Livro Livre” já se desenvolvia com as turmas de sétimo ano, foi proposta aos estudantes a oficina¹⁰ de montagem teatral “Para fora da mala”, um desdobramento do projeto. Como o próprio nome já indica, o objetivo da oficina é o de levar à cena um pouco das histórias dos livros que alunos e alunas estão lendo, dando sequência à ludicidade do objeto mala (livros, histórias e personagens saem de dentro da mala). Nesse processo trabalha-se com a ideia de encenação, um percurso no qual as diversas funções necessárias à produção de uma montagem teatral – seja ela um espetáculo ou uma intervenção cênica – são ocupadas pelos alunos. Atuação, figurino, iluminação, dramaturgia, cenário, entre outros elementos, ficam a cargo do grupo de estudantes.

¹⁰ Os alunos e alunas de sexto e sétimos anos do Colégio de Aplicação da UFRGS têm dois períodos semanais no horário escolar de um componente chamado “Oficinas”. Nesse componente, professores propõem cursos de diferentes áreas do conhecimento que se estenderão por um semestre letivo para os grupos de estudantes constituído em cada oficina. Após a apresentação feita pelos professores das oficinas que serão oferecidas, cada estudante indica, em uma lista de prioridades, quais são aquelas em que gostaria de participar. Em seguida, grupos de 12 estudantes em média são formados para cada oficina. No outro semestre letivo, as mesmas oficinas podem ser ofertadas novamente ou outros cursos podem surgir de acordo com o interesse de estudantes e professores.



Imagem 13: cartaz de divulgação da oficina “Para fora da mala”, desdobramento do projeto “Mala Pronta: Livro Livre”.

A partir de jogos teatrais que estimulam a improvisação, cada aluno compartilha as suas impressões da leitura que vem realizando e, ao longo dos encontros, vai selecionando momentos da história e/ou personagens que deseja levar à cena. Os jogos teatrais (SPOLIN, 2010) são propostas que colaboram para a participação de todo o grupo na criação final, pois “o horizonte descortinado pela multiplicidade de funções voltadas para um objetivo comum reaviva o desejo de se estabelecerem bases mais democráticas de construção de uma coletividade que não anula as individualidades” (KOUDELA e ALMEIDA JÚNIOR, 2015, p.64).

Oferecer a oportunidade de *dar vida ao livro* é visto pelos professores como uma oferta à expansão da obra literária, que ganha corpo e formas cênicas. No trabalho de transposição das páginas dos livros para o espaço cênico, os estudantes recriam as histórias lidas, adaptando-as à linguagem do teatro. Assim, diversas noções do fazer teatral são postas em prática pelos estudantes-atores. A proposta final da oficina é a produção de uma montagem teatral que tanto poderá vir a ser a criação de uma obra constituída pela mistura das histórias dos livros quanto a colagem de diversas situações vivenciadas pelos personagens da ficção.

Ao mesmo tempo em que vem sendo realizado o estímulo à leitura de obras literárias no projeto “Mala Pronta: Livro Livre”, seus desdobramentos – como a oficina “Para fora da mala” – têm gerado incentivo à experiência teatral e vem confirmando o caráter de multiplicidade do fazer teatral, pois ele dá margem a diversas participações.



Aqui se pode pensar, também, na relação do teatro com as outras artes, visto ser em momentos de encenação, ou no conjunto processo/produto da criação cênica, que se encontra um terreno particularmente propício para um diálogo rico entre as diferentes linguagens artísticas (artes visuais, audiovisuais, digitais, dança, música, literatura etc.). Sem perder de vista o seu eixo epistemológico (o teatro), o professor-encenador ou coordenador de processos de encenação, pode abranger, artística e pedagogicamente, as interfaces que se colocam entre as artes, inclusive pensando essa interação como estratégia de conquista do aluno de seu universo cultural, muitas vezes onde predominam a televisão e a internet, para um alargamento de possibilidades da experiência artística do discente. (KOUDELA e ALMEIDA JÚNIOR, 2015, p.64)

Pensamos o “Mala Pronta: Livro Livre” como o projeto do qual diversas ações associadas às diferentes áreas do conhecimento poderão se somar. Atualmente contamos com a realização da oficina de montagem teatral e, para o prosseguimento do projeto, nosso interesse é que outras ações aconteçam, tendo por foco processos de mediação envolvendo leitura, arte e demais interações possíveis. E, à medida que o projeto contar com diversas áreas e ações e, portanto, produções (vídeos, espetáculos, textos e demais materiais), nosso desejo é levar a mala – e todas as ações dela advindas – para outras escolas e propor, assim, novas viagens para diversos estudantes.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de leitura “Mala Pronta: Livro Livre”, por meio do encantamento e dos momentos ritualísticos de contato com o objeto livro, pretende oportunizar aos alunos e às alunas um espaço escolar habitado por livros; nosso objetivo primeiro é tornar o objeto livro uma presença na vida de jovens que, muitas vezes, vivem distanciados do universo letrado e de práticas de letramento. Assim que o objeto livro torna-se algo prosaico, ou seja, item da paisagem dos estudantes, damos o segundo passo: investir na mediação para a formação de leitores.

O ato de ler literatura, nesse projeto, prevê a construção de comunidades leitores que criam “laços virtuais”; em outras palavras, leitores que discutem literatura em espaços virtuais, isto é, utilizando a internet, especificamente, vídeos de *youtube*. Dessa forma, acreditamos que desconstruiremos outro problema, a ausência da leitura coletiva, do compartilhamento – “Possivelmente, uma das causas da resistência à leitura provenha da



perda das formas de leitura coletiva nas sociedades contemporâneas” (COLOMER, 2007, p. 143).

Certamente, o projeto cumpre muitos de seus objetivos, contudo, estamos a trabalhar com alunos e alunas em formação, sujeitos que necessitam de estratégias para tornarem-se, de fato, leitores de literatura. No percurso de quase seis meses¹¹ que vivemos, percebemos a necessidade de uma mediação constante. Sim, o objeto livro já está entre os alunos, mas a experiência do ato de ler ainda precisa de acompanhamento; logo, evidenciamos a necessidade de organizarmos essa mediação à distância por meio de atividades propostas no Diário de Leitura. Ainda assim, mesmo com essa estratégia, seguimos e seguiremos na incerteza, afinal, os alunos e as alunas podem ou não aceitar o convite para a viagem, o convite para o ler.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1978.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

COENGA, Rosemar. *Leitura e letramento literário: diálogos*. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato, 2010.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura pra quê?* Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COSSON, Rildo. *Letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2010.

¹¹ Nesse período, foram realizadas quatro retiradas de livros; até a terceira troca (momento em que este artigo foi redigido), dois livros retirados foram perdidos; muitos alunos e muitas alunas devolvem o livro ou gravam seu vídeo dizendo “não terminei a leitura”; os 58 alunos foram divididos em quatro datas para entregar sua resenha-virtual, e recebemos, até a terceira entrega, 15 vídeos (isso significa que apenas um terço dos alunos aceitou o convite). Devemos ressaltar, ainda, que esse projeto não constrói instrumentos de avaliação traduzidos para nota, pois nesta etapa escolar (Projeto Amora do Colégio de Aplicação da UFRGS), a avaliação é realizada por meio de pareceres descritivos.



KASTRUP, Virgínia. Aprendizagem, arte e invenção. *Psicologia em Estudo*, v. 6, n. 1, p. 17-27, jan./jun. 2000.

KOUDELA, Ingrid Dormien (Org.); ALMEIDA JÚNIOR, José Simões de (Org.). *Léxico de Pedagogia do Teatro*. São Paulo: Perspectiva: SP Escola de Teatro, 2015.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista brasileira de educação*, Belo Horizonte, p. 20-28, n. 19, jan./abr. 2002.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Alfabetizar para ler. Ler para conquistas a plena cidadania. In.: *Retratos da Leitura no Brasil 3*. Organizadora Zoara Failla. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Instituto Pró-Livro, 2012.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SPOLIM, Viola. *Improvisação para o teatro*. Tradução e revisão de Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. São Paulo: Perspectiva, 2010.